

**A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA  
ESCOLA INDÍGENA TICUNA EBENEZER**

Ronaldo Cardoso da Silva<sup>1</sup>  
Manuel Ricardo dos Santos Rabelo<sup>2</sup>  
Maria Eulina Araújo Cordeiro<sup>3</sup>

**RESUMO**

A educação pública no Brasil, principalmente na educação básica, apresenta uma série de deficiência como na infraestrutura das escolas, qualificação dos professores e material didático, por exemplo, a falta de investimentos na educação dos brasileiros se reflete nas notas baixas dos indicadores como IDEB e ENEM. Essa realidade também é constatada nas escolas indígenas que aparecem sempre nas últimas posições destes indicadores, essas escolas são, geralmente, distantes das cidades, possuem estrutura de madeira onde, às vezes, duas turmas ocupam a mesma sala. Em oposição a esse quadro da maioria das escolas indígenas espalhadas pelo Brasil este trabalho apresenta as observações realizadas na Escola Municipal Indígena Ebenezer na Comunidade Indígena de Filadélfia no Município de Benjamin Constant-AM. A escola possui boa infraestrutura e um corpo docente composto apenas por professores ticunas que falam o idioma materno, fazem parte do convívio sociocultural da Comunidade, conhecem a realidade dos alunos e buscam sempre valorizar sua cultura. Pode-se notar a importância do professor ticuna principalmente com as crianças das séries iniciais onde os alunos ou falam apenas o ticuna ou tiveram pouco contato com o português, esses docentes buscam sempre adequar os conteúdos nos livros didáticos com algo que as crianças conhecem, que faça parte da rotina da Comunidade. A relação afetiva entre professor ticuna e aluno favorece a convivência, aprendizagem e socialização.

**Palavras-chave:** Educação indígena. Cultura ticuna. Professor bilíngue.

**1 INTRODUÇÃO**

Durante as observações feitas na Escola Municipal Indígena Ebenezer na Comunidade Indígena de Filadélfia no Município de Benjamin Constant pode-se notar a importância de se ter em sala de aula um professor que conheça a realidade dos alunos, que os entendam principalmente em relação ao idioma, pois as crianças da aldeia não falam o português não conhecem a cultura dos não-índios pois, são

---

<sup>1</sup> Professor de Matemática do Instituto Federal do Amazonas – IFAM. ronaldo.cardoso@ifam.edu.br

<sup>2</sup> Professor de Matemática do Instituto Federal do Amazonas – IFAM. manuel.ricardo@ifam.edu.br

<sup>3</sup> Professora de Matemática da Universidade do Estado do Amazonas–UEA. eulina-cordeiro@bol.com

incentivadas a falarem seu idioma materno, valorizar sua cultura. Ao chegarem a Escola essas crianças recebem livros didáticos em português com imagens de objetos e animais desconhecidos, daí a necessidade de ter um profissional que conheça sua língua para tentar fazer uma analogia do material didático fornecido pelo poder público com o que as crianças conhecem. A relação afetiva entre professor ticuna e aluno favorece a convivência, aprendizagem e socialização. Nesse sentido Libâneo afirma que:

A interação Professor-aluno é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e a assimilação dos conhecimentos e, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividade individual, a atividade coletiva, atividade em pequenos grupos, atividade fora da classe, etc.) (LIBÂNEO, 1994, p. 249).

Também cabe ao professor, por meio da relação interpessoal com alunos buscar didáticas que relacionem conteúdos e o meio sociocultural dos discentes, tarefa mais simples para alguém que cresceu na Comunidade. Com isso pode estar revendo comportamento, buscando opinião, desfazendo mitos na relação professor aluno, valorizando a todos de uma maneira onde todos são iguais. Segundo Luckesi,

A escola que queremos é aquela onde os educadores estão profundamente interessados na educação dos seus alunos. Para tanto, trabalham efetivamente para que seus educandos adquiram os legados culturais elaborados pela humanidade, que formem um espírito de solidariedade, de um modo efetivamente positivo (LUCKESI, 1994, p. 88)

Vale ressaltar que, para o professor Ticuna é fundamental que os alunos deem valor a sua cultura, que mantenham vivos seus costumes, suas danças, sua língua. Com isso o educador terá muito mais prazer, em apresentar conteúdo ou desenvolver trabalhos pedagógicos com os mesmos, de maneira mais produtiva e prazerosa para ambos.

**2 A ESCOLA INDÍGENA EBENEZER NA ALDEIA INDÍGENA DE FILADÉLFIA**

A escola foi fundada em 1968 por missionários norte-americanos da Igreja Batista Ebenezer, no início as aulas eram apenas baseadas na bíblia pelos missionários. Nos dias atuais a Escola Municipal Indígena Ebenezer é uma escola pública de referência em qualidade de educação, que busca cada vez mais melhorar o atendimento à Comunidade num resgate à cidadania, a cultura, os costumes, a língua, a crença e a religião como marco referencial além do conhecimento sistematizado.

Logo que foi assumida pelo município a escola atendia somente de 1ª a 5ª série, com capacidade para 200 alunos Ticuna. Com o passar dos anos as exigências escolares aumentaram, aumentando também sua capacidade.

Com o crescimento da população, foi necessário a construção de uma escola de alvenaria com 6 salas de aula. Em 1995 a escola passou a oferecer o Ensino Fundamental para atender as crianças até a 8ª série, uma vez que terminada a 5ª série as crianças ou paravam os estudos ou tinham que percorrer uma grande distância até a sede do município.

Em 1996, foi implantado o sistema de Pólo de Educação que contribuiu para o desenvolvimento da educação e fez com que os jovens dessas comunidades indígenas e não indígenas tivessem acesso ao Ensino Fundamental completo e comum, não específico para o atendimento especial de alunos da etnia Ticuna.

Em 1999, foi inaugurada uma nova escola com melhor estrutura para o funcionamento do Ensino Fundamental, hoje a escola possui 09 (nove) salas de aula, 01 (uma) biblioteca, 01 (um) laboratório de informática, secretaria, sala de professores, cozinha, depósito, banheiros externos, toda essa estrutura garante aos alunos uma vida saudável e uma boa aprendizagem.

A escola dispõe de um corpo docente composto por 36 professores, 02 (dois) Coordenadores Pedagógicos, secretária, auxiliar administrativo e 02 (dois) professores de apoio, todos da etnia Ticuna.

A escola atende hoje um total de 423 alunos que são divididos em dois turnos matutino e vespertino, é mantida pelo recurso da Associação dos Pais e Mestres Comunitários - APMC e do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica – FUNDEB.

### 3 O PROFESSOR TICUNA

Na Escola Municipal Indígena Ebenezer pode-se perceber que todos os docentes que atuam na escola são indígenas e que moram na Comunidade o que vem atender uma necessidade garantir um ensino de qualidade que atenda as especificidades do povo ticuna, com respeito à cultura, língua, danças e modo de vida de cada indivíduo. BENDAZZOLI (2011) nos fala sobre a necessidade de se garantir a participação dos próprios indígenas na Educação Escolar da comunidade:

Com a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena procurou-se fixar as diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngue, afirmação e valorização da cultura e diversidade étnica dos povos indígenas. Consideram ainda a participação da Comunidade na definição do modelo de organização e gestão das escolas, elaboração do calendário, projeto político pedagógico próprio e material didático específico e, o que é bastante relevante: garante ao professor indígena a prioridade na docência nas escolas das aldeias.

De acordo com o Censo Escolar Indígena, realizado pelo Ministério da Educação, por meio do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep) e da Secretaria de Ensino Fundamental (SEF) em 1999, estão atuando nas escolas indígenas um número significativo e crescente de professores indígenas. Dados divulgados em 1998, no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), mostravam que os professores indígenas representavam cerca de 70% da população total de professores, atingindo o número de 2.859 docentes. Um ano depois, quando foram coletados os dados para o Censo Escolar Indígena, esse número já havia saltado para 3.059 professores indígenas, representando 76,5% do total dos professores em atuação nas escolas indígenas do país. Já os professores não-índios respondem por 23,5% do total, com 939 docentes. (RCNEI, 2002).

O professor ticuna em sala de aula torna-se um mediador entre os saberes próprios, tradicionais e étnicos de sua cultura e os saberes da escola tradicionalmente ocidental. Para tal, os professores indígenas têm a difícil responsabilidade de incentivar as novas gerações para a pesquisa dos conhecimentos tradicionais junto dos membros mais velhos de sua comunidade, assim como para a difusão desses conhecimentos, visando sua continuidade e reprodução cultural. Esses profissionais são também, responsáveis por estudar, pesquisar e compreender, à luz de seus próprios conhecimentos e de seu povo, os conhecimentos comuns às escolas

reunidos no currículo escolar. Em relação a importância do professor indígena em sala de aula Leite afirma que

“a firmeza dos professores Ticunas com relação a pontos básicos da educação escolar em sua área – importância da língua materna, do bilinguismo, de material didático próprio, de professores índios exercendo o magistério, da capacitação dos professores, de as decisões quanto às suas escolas serem tomadas por eles mesmos – foi um grande estímulo e desafio para os professores indígenas de outros povos consolidarem suas experiências e avançarem na formulação de uma concepção de escola coerente com suas especificidades étnicas”. (LEITE, 1994, p. 240)

É necessário que, cada vez mais os professores indígenas se tornem os protagonistas da educação escolar indígenas nas aldeias, busquem resgatar seus costumes, sua tradição sem agredir as culturas escolares.

### 3.1 INCLUSÃO DE ARTEFATOS NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) a União foi obrigada a desenvolver programas integrados de ensino e pesquisa, para ofertar uma educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas com a finalidade de proporcionar aos povos indígenas a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências. (LDB Nº 9394/96). Na prática o que se observa é que ainda temos muito o que caminhar, principalmente na questão de material didático adequado, diferenciado que atenda às necessidades dos povos indígenas; há uma grande necessidade de se buscar na cultura do povo ticuna materiais que possam ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem.

GRUBER (1997) afirma que os ticuna, demonstram uma excepcional capacidade e sensibilidade para a arte. Essa particularidade, que se expressa de maneira muito rica e imaginativa em diferentes áreas de sua cultura, deverá fazer parte do processo ensino-aprendizagem através da valorização do desenho, da música, teatro, poesia e outras formas de arte.

Durante as observações pode-se notar que os alunos mais prejudicados são as crianças das séries iniciais, pois elas têm menos contato com a cultura não-

indígena, daí a necessidade de ter professores qualificados que conheçam o dia a dia da comunidade para dentro da sala de aula.

Empiricamente, percebe-se que a formação que os professores de matemática receberam na graduação privilegia a matemática tradicional, não são preparados para lidarem com diferentes culturas, privilegiando a memorização de conteúdos e não levando em consideração os conhecimentos prévios adquiridos que o indivíduo carrega consigo. Essa realidade é confirmada com os livros que são produzidos pelas Editoras visando o público, principalmente, dos grandes centros e distribuídos em toda região do país.

Segunda a LDB 9.394 (1996, Art. 79º. IV), a União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa, deverá ainda elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado. Temos aí um atraso de quase dez anos no que prevê a Lei que rege a educação brasileira, cabe então ao professor ticuna buscar novas metodologias que contemple o ensino da matemática aliado à sua cultura aos conhecimentos empíricos adquiridos pelos alunos da Escola Indígena Ebenezer.

Para COSTA (2009), povos amazônicos como os yagua, os cocamas, os baniwa e os tikunas produzem objetos cuja origem se inspirou na natureza e na necessidade de sobrevivência, objetos que merecem admiração, em princípio pela sua beleza, mas também por apresentar ideias ou noções matemáticas tanto em objetos finalizados e durante sua confecção.

D'Ambrosio (2013) diz que “o cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura”. (D'AMBROSIO, 2013, p. 22)

Foi então com os artesanatos confeccionados na Comunidade que os professores ticunas de matemática encontraram uma forma lúdica de ensinar matemática para crianças, objetos que as crianças usavam em seu dia a dia durante suas tarefas diárias para guardar mantimentos, para dormir, para pesca, etc., agora ganham nova finalidade, o ensino da matemática.

Observa-se, por exemplo, na confecção de cestos e esteiras conceitos da matemática universal como circunferência, retângulo, ângulo reto, cilindro, quadrado, pois como afirma D'Ambrosio (1998), em tudo que é construído há matemática, faz parte e está intimamente ligada a toda ação do bem-estar humano.

### 3.2 NUMERAÇÃO TICUNA

Durante o trabalho percebeu-se em conversa com os Professores ticunas que, apesar de usarem o sistema decimal em suas atividades escolares, todos conhecem o sistema de numeração tradicional do povo ticuna. As primeiras noções matemáticas dentro dos lares dos ticunas são dadas em seu próprio sistema de numeração, essa é uma cultura que é repassada de pai para filhos.

Os professores afirmaram que as crianças primeiro aprendem a contar no idioma ticuna de acordo com as necessidades do convívio no ambiente familiar, como suas necessidades não carecem de grandes números é empregado uma quantidade maior de números menores e a partir daí fazem algumas combinações.

Para indicar o numeral cinco, por exemplo, eles usam literalmente uma mão. Na tabela seguinte apresentamos a relação dos numerais de um a dez e sua correspondência em língua ticuna:

Tabela 1: Numeral ticuna e sua tradução em português.

Numeral	Língua tikuna	Tradução em português
1	<i>Wüi</i>	Um
2	<i>Tare</i>	Dois
3	<i>Tamaepü</i>	Três
4	<i>Ägümücü</i>	Quatro
5	<i>Wüímepü</i>	Uma mão
6	<i>Wüímepü arü wüi</i>	Uma mão mais um (dedo)
7	<i>Wüímepü arü tare</i>	Uma mão mais dois (dedos)
8	<i>Wüímepü arü tamaepü</i>	Uma mão mais três (dedos)
9	<i>Wüímepü arü ägümücü</i>	Uma mão mais quatro (dedos)
10	<i>Taremepü</i>	Duas mãos

Fonte: Entrevista com o Professor Clemêncio da Escola Ebenezer

Uma das atividades propostas aos alunos foi confeccionar cartazes com a numeração onde contemplasse o sistema de numeração decimal juntamente com a numeração tradicional ticuna que envolvesse professores e alunos da Escola.

Foto 01: Professores confeccionando cartazes



Fonte: Autor

Foto 02: Alunos confeccionando cartazes



Fonte: Autor

Observando o sistema de numeração dos ticunas parece pequeno, mas há de lembrar que esses numerais surgiram da necessidade de resolver problemas do dia a dia das comunidades, a necessidade de contar surge das características culturais de um povo, a finalidade de atender as necessidades para as quais foi criado.

E nesse sentido, a figura do professor ticuna que conhece essa numeração é fundamental para introduzir já nas séries iniciais conceitos e aplicações matemáticas que possam resolver problemáticas encontradas na comunidade relacionando a numeração tradicional com o sistema de numeração decimal utilizado nos livros didáticos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aquisição de conhecimento pelo indivíduo se dá desde seu nascimento em contato com seres de sua própria espécie, o convívio social, principalmente no ambiente familiar, é fonte inesgotável de aprendizagem. O conhecimento empírico que todo aluno carrega com si antecede o conhecimento escolar, sendo assim o professor não pode desprezar tal conhecimento, deve sim buscar formas, metodologias, de assegurar que o aluno possa se desenvolver adquirindo novos conhecimentos, mas sem deixar sua própria cultura. Nesse contexto as metodologias de docentes que atuam em comunidades indígenas já não podem mais ser tradicionais, deve-se buscar maneiras de integrar o meio sociocultural do aluno com os novos conhecimentos da cultura dos não índios.

Não podemos pensar uma escola para os índios, temos sim que pensar a escolar para as várias etnias, pois cada povo tem sua língua, sua matemática, sua



cultura. Temos sim que nos adaptarmos às exigências de cada povo aliando conhecimentos tradicionais às exigências que o currículo nos impõe.

Assim sendo, faz-se necessário a figura do docente que conheça a realidade dos alunos, que possa dar condições para que o indivíduo tenha um pleno desenvolvimento do educando, ser preparado para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho sem agredir a cultura do outro. Nesse contexto a Escola Municipal Indígena Ebeneze está à frente das demais escolas da região uma vez que o seu corpo docente é formado apenas por professores ticunas conhecedores da cultura dos discentes o que possibilita desenvolver várias formas pedagógicas para explorar os conteúdos exigidos no currículo escolar.

## REFERÊNCIAS

Bendazzoli, Sirlene. **Políticas de educação escolar indígena e a formação de professores ticunas no Alto Solimões/AM**. São Paulo: s/n., 2011. 434p: il., tabs. Fotos. Mapas.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/SEF. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/>>. Acesso em: 13 Out 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394**. Brasília: 1996.

COSTA, Lucélida de Fátima Maia. **Los tejidos y las tramas matemáticas. El tejido ticuna como soporte para la enseñanza de las matemáticas**. Letícia – Colômbia, 2009.

D'Ambrósio, Ubiratan. **Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar ou conhecer**. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a Modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GRUBER, Jussara Gomes. **O livro das árvores**. Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, 1997. 96 p.: il. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&o\\_obra=26657](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=26657)>. Acesso em: 12 out. 2015.

LEITE, Arlindo Gilberto de Oliveira. **Educação Indígena Ticuna: livro didático e identidade étnica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, 1994, p. 240.

# 7º ENCONTRO INTERNACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

*Construindo e divulgando conhecimentos no Alto Solimões*



24 a 26 de outubro de 2017  
CSTB/UEA

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cripiano Carlos. **Filosofia da Educação**. II Série. São Paulo: 1994.